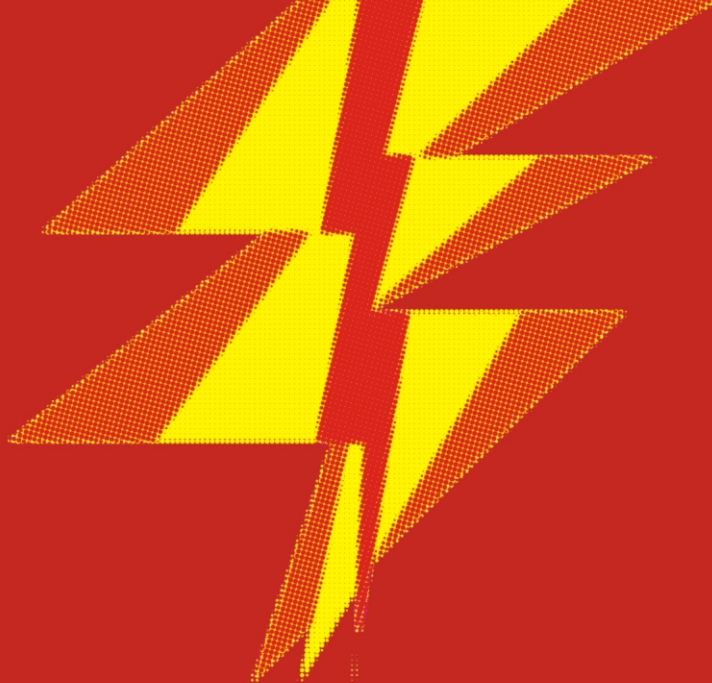




batista de pilar



**a nona
cartada**

A nona cartada

um livro de

Batista de Pilar

7ª Edição

**Tritura-se silêncio
na moenda do tempo.
Deslizam enigmas
encurtam distâncias
no fechar das mãos.**

**Minha vizinha tinha
uma estranha mania
de colecionar estrelas
coleccionou tantas
que um dia tentou a lua
era tarde, ela não cabia
mais em seu apartamento**

Pai, aqui o último caso
desvendado bem antes
do entardecer

daqui a pouco

a hora é a mesma do dia
anterior

a luz ilumina a mesa solitária
jogo estranho entre
a claridade e a escuridão

surge outra escalada
novas garrafas sobre a mesa

novos sorrisos
novos amigos
percorrendo a noite de sábado
sem atraso esperando
o domingo

Pulsando

**Me perco
no pulsar
da veia
onde circula
a palavra**

Chave

Que abre portas
decifra mistérios
fecha celas.
Se perdida
uma simples copia
é a solução.

Existe uma chave
sem retorno
se for perdida.
É a chave
da porta da vida.

Construir frases bonitas
é lapidar mil vezes
a pedra
que já foi
lapidada,
 lapidada,
 Lapidada...

O mundo mudo fala

O mundo mudou muito
desde ontem às seis horas da tarde.

Meu vizinho comprou um carro
Madalena foi pro convento
Pedro José morreu enforcado.

Aumentaram várias tarifas usuais
diárias
o rádio transmite futebol
ainda se fala de política.

Vamos Clarice!
não me olhe com esta cara de
ontem.

Estranho desaparecimento

**Eu não entendo a caneta
vive fugindo da gente
sem desaparecer
às vezes parece
que tem preguiça de escrever.**

Estante

**Hoje vai embora
viver em outro ambiente
por aí afora.**

**Estante que guardou livros
que narram parte da historia
com seu formato antigo
junto a minha memória.**

**Vejo quando é carregada
sobre o carroto em deslize
alvo certo da crise.**

Ventos que deslizam:
inquietos
ora bravos
ora calmos.

Transportam sussurros
no impacto de vozes.

Acariciam as plantas
balançam as folhas
brincam com as flores
e se perdem na distancia
os ventos do sul.

Inesperado

O político subiu ao palanque
fez discurso ao público fantasma
gestos-palavras
sílabas de sentimentos humanos.

O povo aplaudiu eufórico
a mensagem transmitida
mil saudações e confetes
no momento das palavras
esculpidas.

O tempo passou
o orador parou
ficou na margem esquecida.
O candidato perdeu
para a política da vida.

**Quem escondeu
a chave da porta das palavras
que estão armazenadas
na garganta do povo
da América Latina?**

Infância

**Sua imagem
ficou gravada
em todas
as telas da tarde.**

A poesia escrita
na mesa do bar
é um barco
em calmaria
vida
força
de poder falar
é o mundo
centralizado
em um só lugar.

O maior amor
é aquele
que é dado
em nada cobrar
dar-se a arte
pela vida.
Neste instante
sem perceber
o espírito voa.

Escrevendo poesia

**No desenrolar dos atos
que na vida dos homens
encenam-se:**

**Pela propriedade do fato
eu fico com o estratagema
dando vida ao poema.**

Solidão

**A linda flor
nasceu entre flores
mortas...
Viveu com um texto
em linhas tortas.**

Companhia

Trago no peito
uma dor
uma esperança
a alma acima
da pródiga andança

Sou o quinto sono
da rocha adormecida
o espanto do pássaro
que há pouco cantava.

o sol penetra na janela
elo
entre a solidão e o mundo

De-Sensibilizado

**O silencio da pedra envolve
o olhar de neblina
na cidade distante
fiel guardiã no caminho do andante**

**Longo inverno despido de primavera
sobrevoando a transmutação da vida
no eterno encontro com a terra.**

**Que vá o poema ao encontro da
guerra
seja osso duro no ofício a ternura
lucidez completa no transcorrer do
fato,
ancorando de leva
no arquipélago de ilhas
no coração do mundo.
Pulsando firme
na velocidade do poema tranqüilo
sem reta de chegada no soar do
passo.**

Nunca tive influência
de ninguém na vida,
nem aqui
ou em lugar nenhum.
Apenas o vácuo
longitude latente
que me conduz
e me leva
nesta sina de ser poeta.

Volta ao mundo

**Inúmeras casas
espreitam o asfalto
vários trilhos
dormem esperando o trem
que lentamente traz
o vagão fantasma,
carregando o andarilho dos dias**

**Na volta da andança
soa o passo no ponto final.
Nasce mais um estranho
dentro de casa.**

Reflexo

A tinta salpica
o colorido novo
encobrendo o visual velho
na obra do tempo indo.
Novos pós
antigos quóruns.
A reposta hesita
num rápido piscar de olhos
em busca do mistério que anda.
Putá ironia!
Ainda não parti
e já dizem que demoro.

Ciclo da vida

**As mulheres se arrumam cedo
para serem desarrumadas mais
tarde.**

**Os homens se arrumam tanto
para serem desarmados mais tarde.**

Nona cartada

A rua é longa
e no caminho
as aparências
as vezes cansam,
não se espante
se o jogo
não for ganho agora,
pois as cartas estão marcadas
e os jogadores não morrem
antes do amanhecer da cidade.

Corremos sempre contra
a velocidade da idade
que nos leva aos poucos.
porém o poema é forte
a alma persiste serena
enquanto a razão permanece.

Panorama indo

O cavalo passa despercebido
á espera do cavaleiro
para participar do rodeio
da boiada presente.

O tempo desaba na planície
ondulante do sonho
do menino que dorme
um sono antigo

em cima do colchão de palha
do milho colhido
em diferentes safras
plantadas no dia de sol
sem medo de tempestade.

Do céu do conhecimento
o vento espalha a duvida
á espera dos pais do futuro
tranquilo com a chegada
de outro Pedro Álvares Cabral.

Além da sombra

**distante a guilhotina dorme
á espera de um novo Danton**

Mistério

**Fantasmas,
fantasmas voadores
em nossa mente demente.**

**Que no espaço se perdem
como chegam
partem de repente.**

**Visões que tumultuam
o azul infinito.**

**São amores?
São terrores?**

**Chegam girando no ar,
na terra pousam
meus discos voadores.**

Carro-papel-homem

**O carro do catador de papel
desfila na rua colorida
em um caminhar lento
catando o papel da vida.**

**Itinerário sem direção
em esquinas confusas,
ruelas escuras
passando pelos becos do coração
retornando ao ponto de partida
no esplendor das favelas.**

**Pára o carro movido
por combustível humano...
logo vem o sono do catador
o eterno caminheiro
da rua do abandono.**

Velório sem morto

**Onde está o morto
que não aparece?
As cinzas do cigarro
se perdem no chão,
a brasa o dedo aquece.**

**Podem parar com a prece
o morto vive de novo!
Me perdoem o espanto
mas as lágrimas de pranto
transformaram-se em alegria.**

**O caixão devolvido
na funerária da esquina
em cima do balcão espera
outro morto perdido,
o morto que era
para ser enterrado
não tinha morrido.**

Extratempo

**o livro aberto sobre a mesa
espera um olhar cair de leve
sobre as páginas envelhecidas**

**a memória guarda incertezas
no mistério do suspiro sufocado
promessas espalhadas abafam
o grito perfeito no cair do precipício**

**posse pela posse
face endurecida, estrela sem brilho
juras vencidas ao lado do calendário
encobrendo as manchas da história**

Beirute de destroços
Quantas vidas
Sem esforços
Tombadas no chão
Estendidas.

Beirute das bombas
Morteiros e canhões
Não há mais luzes

Transformou-se em sombras
Morreram as flores...

Beirute
Sempre Beirute
Não mudará de nome?

Quem sabe um dia
Mude de nome também
Essa guerra entre homens.

Caído na avenida

Quem passou
achou o ocorrido
um fato normal,
depois continuou,
já não havia
nada a fazer

O morto estava morto.

**Meu espírito hoje
é livre
ultrapassa a parede**

**rodopia na rua
se perde no meio
Do povo.**

**Depois de vagar,
o regresso.
hoje sou feliz.**

De fogo

O bêbado caminha
pela Cruz Machado
sem querer perdeu
a Carlos de Carvalho

Probabilidade

depois do jogo acabado
é difícil driblar o silêncio.

Vertente

o mago das palavras
rodopiou o pensamento
deslocou o verbo do tempo

cruzou a rua antiga
discursou para os séculos

habita o castelo invisível
construído no tempo incerto

onde cada palavra escrita
é mais uma palavra
enfeitiçando o universo

**que importa o mar
quando o marinheiro
navega além das águas?**

Igualdade

**no descer do elevador
o orgulho desce junto**

Pesquisa

hoje, quando olho
o rascunho da vida
parece tudo brincadeira.

**alguma coisa é preciso:
um murro na mesa
quem sabe tudo crie juízo**

Pesquisa

riso na avenida
rostos se movem
nem tudo pára
nem tudo muda
nesta vida
encarapuçado de nuvens

Em trânsito

trancou a voz no peito
a madrugada perdeu
o cavaleiro do silêncio

um grito saiu daqui
deste endereço
o lobo convidou a presa
juntos fizeram um banquete
prevendo o sexto fim do começo

mistério envelhecido
mostrando o final da esquina
onde uma rua começa
e outra esquina termina

não importa
o dia
não importa
a data

faça alguma
coisa
mesmo que alguém
Desfaça

Mar afora

a praia descansa
o corpo goza o repouso
banhado pelas ondas

tudo perfeito
no velejar da alma
o mar é grande
mostra a beleza
esconde os perigos

os marinheiros são muitos
uns navegam, outros não
os mais velhos
conduzem o barco
os novos sabem
que há sempre uma novidade
no levantar de cada onda.

a voz ultrapassa o eco
o lugar comum
marca traço no mapa
de um país desconhecido

calma é preciso
correr na frente do juízo
de que valeria o céu sem paraíso?

Ventando

vento que coloca uma pitada
de bem-estar no calor

levanta a saia da menina moça

abraça tantas vidas
sangue forte
sangue novo da América Latina.

Noite de autógrafo

quando estiver triste
e não for consolado
procure meu livro
ali encontrará um nome
em forma de letras-rabisco

se estiver contente
procure no livro o significado
que tem o ato de abri-lo

se não estiver triste nem contente
lembre-se, a poesia é latente
ela vem e desaparece
como a gente que é tudo
e ao mesmo tempo é ninguém

Poema comportado

Não pode andar despenteado
nem curtir muita folia

Rapaz, a vida não é regalia
se tomar uma cerveja
não pode mijar na galeria.

A posição é importante
no despertar da figura pública
pouco importa o que embarga
por isso quando cagar
puxe com força a descarga.

Garoando

**O chopp tem gosto
de sal
na madrugada cinza.**

Poema indo

escrevi um poema longo
tão longo quanto o caminho
da insônia

curioso como o olhar do gato
no escuro
confuso as vezes no cantar

tão leve, tão leve
quanto a brisa de encontro
ao olhar.

Infantaria da infância

**cercados de homens armados
meninos erguem os braços
e gritam:**

“somos os senhores do futuro”

Essa voz desconhecida
soando vida
numa noite
de sonhos obscenos.

Este encontro impossível
dúvida cúmplice
do medo da realidade.
A expectativa da cena
no ponto de ônibus
a procura da imagem,
parada na porta do circo

imóvel na galeria
atrás da fumaça do café.

Lá fora a chuva

Fornada

um dia de sol
depois da tarde molhada

um caminho estranho
uma longa estrada
que vai dar no fim
de um complicado começo

Funeral das horas

Rima vida em cima
do tic-tac das horas
penetrando no silêncio
da demora.

Enquanto o passo incerto
vacila, procurando
uma direção
no andar do coração.

Vento dispersa
fantasmas que acompanham a
procissão
em direção ao nada.

A rua é minha
fiel companheira
no dia-passando-dia.

No diagrama vasculhado
de vôos rasantes calmos.

Vou á caminhada
sem descanso na jornada,
ainda faço parceria
ao corre-corre dos anos,
um coração de poeta
que se tornou urbano.

O susto da vida

A semente
semeada em adubo
germinado no solo
criando raízes.

Espantada
com o baque do mundo
isolada no meio
da vegetação
Crescendo contra
a vontade do clima
resistindo a muitos ventos...

A árvore resiste
chuva
sol
raios
tempestades.
E sua semente

**há
um poema
pa(i)rado no ar**

**agarrem-no
antes que ele
Caia**

Calendário sem data

Este trabalho um dia
há de ser reconhecido
pena que talvez
meus ossos já tenham apodrecido.

Final

**Até mesmo os mísseis
que são lançados aos ares
em alvos apontados...
parece que por inconsciência
ficam lado a lado.**

Literatura

Não sei escrever poema
pra convite
se for uma merda
que morra
se for uma jóia
que fique.

Deusa andarilha

**A palavra caminha
não tem morada certa
chega de surpresa
quando está de partida
recém é descoberta.**

interessante:

a formiga morder

o elefante

Boi de boiada

**Mundo velho descartável
não fale mal de mim
já comi filé mignon
também comi capim
no final tudo perfeito
neste BREVE carnaval.**

Jardinagem

o rosto permanece sereno
no retocar da esperança
o menino não planta mais

bananeiras dentro d'água.

duas vidas e um caminho

**menino órfão da paz
agarrado o mundo**

**o lado de lá é difícil
o lado de cá complicado**

**dois amigos percorrendo
os dias
ultrapassando a surpresa.**

Maria da calçada

**Marias que ficam
paradas na calçada
quem passa as critica:
chamam-nas Marias do nada.
Marias Marias
de calçadas escuras
com maus sorrisos
buscam amor sem estrutura
nas noites em paralelo.**

**Marias Marias
caminham sempre errantes
na geração do abandono.
- Teu amor nunca é bastante
teu coração nunca teve um dono.**

**Marias Marias
que sobram nas noites de boemia,
e quando a velhice chegar?
Desesquinas que se via
com a madrugada vão se evaporar.**

**Marias Marias
do nosso dia-a-dia
tão lindas Marias
de almas vazias.**

Para van gogh

Entre o gado
E o mito

o vulto

a cidade engoliu
a ingenuidade
do moço (do interior)

marcando o rosto
do aluno sem professor

**Estes poemas
foram escritos
nas páginas
do sentimento.**

**Para a vida
os meus sinceros
Agradecimentos.**

Um poema
sim um poema
na página branca
com o enigma do poeta
na vida intermediária.

Um poema
sim um poema
que nasce
sem política literária.

Realidade

Por debaixo da terra
os vermes proliferam
e atacam.

Por cima da terra os ratos
procriam e espreitam.

(Enquanto os gatos, ladinamente,
dão o bote)

**Seu corpo
me deixa louco
musa das noites
intermináveis
hora sem começo
do dia que não tem fim**

**galeria de meus olhos
quantas vitrines
de minha alma
não foram contempladas**

mesmo que a vítima adormeça
a corda enlace o pescoço
a voz se perca no grito
e o circo desapareça....

ainda haverá espetáculo

Poema Inédito

Inédito é o poema
Que a gente nunca
Escreveu
Aquele que passa
De relâmpago pelo sonho.
No acordar some
Como a cerração
Sobre a colina.
E vai construindo
Em nada
Aos poucos tornando-se
O reflexo de um raio de sol
Sobre a água cristalina.

Ator-Doado

O mundo é grande
A vida é pequena
Nos olhares que acenam
Alguns orvalhados
Outros que queimam.
Às vezes pra viver
Um pouco mais
É preciso fazer cena
Até fora do cinema.

Poema a São Francisco

Guardai os passos dos andantes
Que sobre todos os trilhos terrenos
andam

Protegei as almas serenas
Dos ataques
Das almas nefastas

Que o coração do homem
Seja país sem fronteira
No continente da harmonia

Que as ruas contentes de minha
cidade
Passem sempre ao lado das praças
Onde possuam pássaros tranqüilos
Vindo do céu do conhecimento

Cultivai o ensinamento do mestre
E a cartilha do aprendiz
Nos manuais da vida passageira
Com páginas escritas no vento

**Meus amigos mais
Interessantes
Que uma manada de elefantes**

Que Sorte

A morte deu uma distraída
Ela foi pro sul
E eu fui pro norte

**De que vale a fama sem grana
É o mesmo que olhar o pasto
E não poder comer a grama.**

**Livro de BATISTA DE PILAR
Curitiba 2004**

**A poesia escrita
na mesa do bar
é um barco
em calmaria
vida
força
de poder falar
é o mundo
centralizado
em um só lugar.**

Ironia

Meu vizinho ainda ontem, não quis
me dizer
as horas.
hoje, me pede o relógio emprestado!

Velha da Tribo

**Para onde vai Dona Olinda?
Levar a beca no pasto?
Faz tempo que viajas
sem reclamar com os anos
ou com a partida dos filhos.
Por aqueles que se foram
teu coração calado guarda
a emoção sólida sobrevivente
da raiz familiar contente.
De onde viestes?
A festa aconteceu
e não participaste.
Para onde vai Dona Olinda?
Chegou a hora de entoar
o canto de todos os pássaros.
A tarde bate em nossa porta.**

Cegueira

**A cega tateia
Evitando o atropelamento.
Em seu rosto seus olhos
duas estrelas que apagaram
antes do tempo.**

Feira do livro

Olhares encabulados
passos que passam
na visão de quem fica,
de quem parte.

Quantos versos espalhados
e quantos não olhados
esquecidos na banca
em silêncio.

Fim de feira
quem vai com ela
fica na espera
do próximo ano.

Fim de feira

fim de um passo
no caminho do livro
que passa.

Príncipe sem trono

Menino dorme
em sua cama de cimento
seu grito
já acostumou no sufoco
da garganta calada.

Dorme menino no vídeo-tape da vida
na noite pirilampo de luzes
com a avenida colorida
junto com os fantasmas
que desfilam em cruzeiros.

A vida o espera
para o equilíbrio
na corda-bamba
brincando de palhaço
nos circos do mundo.
Seu agasalho....

cobertor

tecido vento-neblina.

É A Vida Damiao

Canta Damião
a vida não acabou
a parada foi dada
a noite terminou em pesadelos
nos relâmpagos da insônia.

Vê Damião!

a tarde entristece
com lagrimas de garoa
Umedecidos são os pilares
guardiões
da nossa arquitetura cinzenta.
Escuta Damião!
o canto do passaro da liberdade
sobrevoadando sobre nossas cabeças
diz que ainda
não morremos totalmente.

Calma Damião!

somos uma romaria pensante
que vaza como as folhas secas
e se espalham em algum outono.

**Sem sentido
o grito pedir
socorro pro gemido**

**Tranquei a vida
dentro de casa
é a maneira mais segura
de proteger a morte na rua.**

Curva dos Trinta Anos

manhã com principio de tarde
os amigos da distancia
sumiram na adolescência
por caminhos diferentes
trôpegos e persistentes
o relógio cobra a exatidão
do tributo as existência
a criança nunca cresceu
e brinca no coração do tempo
raízes esquecidas ainda brotam
férteis no pomar do conhecimento
o vagão do futuro dorme
num trilho abandonado
na parada da estação final
a cadeira permanece á espera
do viajante do mundo das palavras
que chegará cansado para assinalar
a última data no calendário do
espanto.

Passagem

**A rosa andarilha dos livros
surgiu na mocidade.**

**A rosa protetora dos livros
sumiu na realidade.**